

PIERRE LEVY ,PARADOXOS NA COMUNICAÇÃO

PROF DR PAULO ALEXANDRE CORDEIRO DE VASCONCELOS

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI –São Paulo-Br—PROFESSOR DO MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Palavras-chave - educação, comunicação , democracia , tecnologias

RESUMO Este pequeno artigo levanta pontos prós e contra sobre a cibercomunicação na perspectiva de Pierre Lévy, e de autores que o influenciaram ensejando uma nova comunicação e suas possibilidades junto à Educação.

ABRINDO

Os anos 90, no Brasil, presenciaram uma avalanche de propostas de educação à distancia, mediadas pela rede mundial de computadores, em que pontuam os recursos multimídia, as *webcans*, as tele-conferências; prometendo assim mudar o ambiente da aprendizagem. Munidos de otimismo e marketing, os cursos transversam desde propostas mais simples, indo até a cursos de extensão universitária e mestrados.

A pedagogia, ai defendida, apoia-se numa ciberpedagogia, na trama do hipertexto, e suas múltiplas linguagens; a avaliação do aprendizado apoia-se muito mais na demanda em que o curso se coloca(economicamente), fundamentando assim sua defesa, qual seja, em nível de marketing.

Inúmeros e novos profissionais adentram aos novos espaços da educação à distância e ocupam lugares dos profissionais da pedagogia; são eles com destaque *web designer, instructional designer*..

Grande parte destes projetos é defendida sob inspiração de Pierre Lévy, em defesa do ciberespaço, potencializam terminologias como inteligência coletiva em ambientes interativos, insinuando diversidade ecológica do conhecimento.

Livros brasileiros, que discutem a educação à distância, citam inexoravelmente a obra de Pierre Lévy. A fim de construir argumentos, ou justificativas, que acoplem o pedagógico ao ciberespaço, Lévy é, agora, um novo ciberpedagogo.

A tecnologia, tenta assumir nos seus procedimentos de arquitetura técnica e performances da informação, baseada na cibernética, o lugar da didática, das discussões filosóficas da aprendizagem.

A sala de aula, o espaço presencial, o espaço de trocas, em que se misturam elementos simbólicos variados, desde linguagens verbais, imagéticas, sonoras e cinestésicas são trocados pelo ambiente do ciberespaço, numa tentativa de fazer valer este espaço desnudo, ainda, de compreensões didáticas.

LÉVY - UM PERCURSO

Pierre Lévy (1956-) aparece no Brasil no início da década de 90. Seu livro de impacto é *Tecnologias da Inteligência – Brasil*, 1993, com datação francesa de edição de 1990.

Este autor é fruto de uma metamorfose franco-canadense. De formação em História na França, parte para o Canadá onde desenvolve estudos ligados à inteligência e cognição e lá investe no hipertexto, não mais retornando à sua gênese acadêmica.

Visto como um filósofo da cultura virtual contemporânea, Lévy é docente do Departamento de Hipermídia, Universidade de Paris-VIII. Trabalha junto ao Ministério de Educação da França, com seu ex-professor e companheiro intelectual Michel Serres.

Seu trajeto inicial intelectual publicado é a Máquina Universo (Brasil,1998) - *La Machine Univers*, edição francesa (1987), em que já trata da inteligência e das tecnologias intelectuais, recortadas pelos paradigmas da informática. Tecnologias da Inteligência é resultado de suas andanças e elucubrações em terras americanas - *Lês Techonologies de L'intelligence* (1990).

Sua formação histórica lhe permite fazer algumas elucubrações esparsas em que se sustenta parcamente para elucidar os fundamentos da escrita e seu poder textual, mas parece não considerar substratos epistêmicos sociais como o caráter genético da fala , da oralidade e suas implicações com a escrita.

A TÉCNICA/CIÊNCIA: FILOSOFIA

Tomando a técnica como o seu grande aliado, ele não a situa dentro do devir histórico, senão num corte das técnicas operadoras do texto, caso da agricultura - campo – *pagus* - a pagina da escrita, levantando que esta, ao estabelecer parcerias interativas, participou do constructo epistêmico com a ciência .

Ao vincular-se à Filosofia, toma posição defensiva, ou seja, defende-se, acusando Heidegger, Simondon, J. Ellul, entre outros, de desconhecerem a real eficácia da técnica , invertendo assim o papel da mesma, diante da ciência.

“Que o filósofo ou o historiador devam adquirir conhecimentos técnicos antes de falar sobre o assunto, é o mínimo. Mas é preciso ir mais longe, não ficar preso a um ”ponto de vista sobre....” para abrir-se possíveis metamorfoses sob o efeito do objeto. A técnica e as tecnologias intelectuais em particular tem muitas coisas a ensinar aos filósofos e ao historiadores sobre a história”(Lévy:199:11:1993)

Apesar de querer repropor uma história das técnicas, e apelar para ciências e mesmo à Filosofia, perde-se num emaranhado de argumentações interpretativas

subjetivas e de defensiva racionalidade técnica e seu poder de antevisão do futuro e do conhecimento.

Todavia, o que Lévy quer propor é a reconciliação absoluta entre ciência e técnica, sem absolutamente reconhecer o devir histórico já percorrido e todo o discurso filosófico que o reflexiona, em que se destacam os desmandos que historicamente foram realizados sobretudo no âmbito dos dispositivos da era industrial, pós-industrial e da explosão das tecnologias midiáticas.

O capitalismo, na era das mídias eletro- eletrônicas e digitais, firma seu apogeu, unindo-se à Matemática, ao cálculo, às especulações do ser vivo, às biotecnologias, buscando a construção de frankensteins, que busquem competir, ou até mesmo, superar o humano. Contudo, para este autor não se trata de superação do humano, mas sua reconstrução.

Ora, se é legítimo cogitar sobre a reconstrução do humano, porque não é dado o direito à Filosofia em perguntar sobre esta desconstrução, em tempos em que a técnica fragmenta, exclui ou propõe a ação desumanizadora?, ou com isto já inauguramos a morte do sujeito corpóreo, do social e da política, como já preconizava Baudrillard(1990)?

A desconstrução de Lévy, atacada pelos discursos de seus concidadãos franceses Jean Baudrillard, Paul Virilio e Philippe Breton, se dá no âmbito da sedução das engrenagens motrizes, num espaço reinventado de uma comunicação utópica e, como tal, num investimento, em parte, alienada em face da condição do humano e morte de uma Filosofia que plasmou o humano na busca de sua verdade.

Na França, proliferam-se posturas dissidentes ao pensar filosófico clássico, ou de base humanista como as do grupo de Breton, em que se situa o próprio Lévy, como também Michel Serres e Bruno Latour. Tais posturas, ao se centrarem no âmbito da Filosofia da Matemática, reiteram críticas às perspectivas do

pensamento filosófico cujo enfoque é o homem, como a querer forjar uma nova essência, a informacional.

Atestando esse pensamento, assim se coloca Serres:

“.....já não há querelas entre antigos e modernos nos pontos em que a Filosofia seria polêmica: há querelas entre antigos e novos matemáticos entre os modernos e lógicos. A Epistemologia afastou-se do circuito. Enquanto conservar sua intenção tradicional continua a estar.(...) Vemos aqui duas razões para que a epistemologia clássica seja banida das matemáticas modernas e da lógica matemática: a recusa dum situação de prioridades, no primeiro caso, a estreita ligação com a análise reflexiva, no segundo o transporte efetivo dos problemas da epistemologia para a técnica científica. Em cada um dos casos, apenas se trata de origem e de fundamento: ficamos pela prioridade numeral par ao edifício e pela prioridade do sujeito operante para a sua justificação.(Serres :47 ;s/d)

Lévy, indo na mesma mão que Serres, refuta as críticas da Filosofia à técnica, pois é este o grande impasse para a sua apologia da tecnologia do ciberespaço reinando como instrumento da razão, e da ideologia, que inclusive faz montar sua Antropologia descentrada no homem, mas partilhada entre homem e seus objetos com o poder de confundir esse sujeito com o objeto.

“.....no momento em que dezenas de trabalhos empíricos e teóricos renovam completamente a reflexão sobre tecnociência não é mais possível repetir com ou sem variantes Husserl , Heidegger ou Ellul . A ciência e a técnica representam uma questão política e cultural excessivamente importante para serem deixados a cargo dos irmãos inimigos cientistas ou críticos da ciência que concordam em ver no objeto de seus louvores ou de suas censuras um fenômeno estranho ao funcionamento social ordinário. “(Lévy :12:1993)

Segundo Lévy, parece-nos, só é possível de reinventarmos o homem na troca da ciência pela técnica e desdizer Heidegger do ente como pano de fundo ontológico.

Mas o impasse maior é criado quando o mesmo afirma que o seu propósito não é uma crítica filosófica da técnica, aliás não poderia ser na sua argumentatividade frágil, mas logo a seguir diz que seu verdadeiro propósito é “antes de colocar em dia a possibilidade prática de uma tecnodemocracia” (Idem:12).

Bom do impasse evidente, cresce sua incoerência epistêmica ao desejar justapor dois conceitos vistos e revistos pela Filosofia em lugares tão antagônicos: a democracia e o fulgor da técnica. Todavia, dando uma seqüência a seu plano incoerente, ele propõe que a filosofia política “*não pode mais ignorar a ciência e a técnica.*” (pág 9). Ele despeja sua argumentatividade para poder afirmar mais adiante que, diante das críticas de Jacques Ellul, Gilbert Hottois e Michel Henry, fica impossível reafirmar seu desenho da tecnodemocracia. Assim, pede uma revisão da técnica historicamente, do ponto de vista das reflexões da filosofia clássica.

Tal estratégia prende-se ao fato de a seguir pretender fazer a apologia da modulação da rede como se fora uma verdadeira simulação da mente humana, e assim buscar ser a rede um espelho cognitivo, quando na verdade nem 30 por cento da população mundial se acha plugada na rede, quando ainda não atingimos a democracia na escrita para uma educação coletiva.

Na verdade, o que Lévy quer encontrar similitude, na rede do hipertexto e suas interfaces, é com uma organização cognitiva, em que ele luta para ali encontrar espaço para a sua defesa da tecnodemocracia., em que reinaria a ecologia cognitiva, dentro de um contexto da Cibercultura, portanto da Comunicação, “através de mundos virtuais compartilhados”.

Lévy, neste sentido, é muito mais a utopia wieneriana do que um pedagogo pois o que ele pretende é prospectar o homem pelo viés do comando orgânico de informação, podendo ser conformado nos critérios da comunicação midiática, o

que reduz o ser a uma releitura do biológico através das interfaces de informações, transmutadas da sintomatologia orgânica à codificação cibernética/informacional.

Tal modulação da comunicação, segundo seu maior crítico P. Breton, pesquisador da informática e teorias da argumentação, é resultado das pesquisas nos anos quarenta - 42 a 47 - em que se uniam interdisciplinarmente a cardiologia, a neurofisiologia, a telefonia, a eletrotécnica, as matemáticas aplicadas, bem como a antropologia (Breton:15:94).

Tais pressupostos começam, segundo Breton, a se alinhar num segundo momento – ano final dos anos quarenta - se caracterizar pelo domínio do social e do político. Passa a vigir então um modo de ver a comunicação, gestada não entre os *medias*, mas entre cibernéticos, cuja proposta era de que a informação/comunicação era o todo, podendo o real ser visualizado por este par e, indo mais além, ver o comportamento dos seres apenas como “permuta de informação”.

Consignando desta feita o ser enquanto comportamento observável e podendo ser decomposto, estão lançadas as bases da interatividade ou retroação da comunicação. Tal pressuposto leva a contemplar a democratização do saber humano pela interatividade e retroação interconectada pelas próteses maquínicas.(idem)

Indo a busca de uma crítica a tais posturas, como essas em que se chega a Pierre Lévy, em que se vê as tecnologias da comunicação como a salvação para a democracia, Philippe Breton chamará isso de “Uma Utopia da Comunicação”. Ele vai tomar o pensamento wieneriano, que permeia projectualmente o pensamento de Lévy, para apontar as distorções do homem pela técnica no ambiente das comunicações e no aparecimento de novas antropologias, como a

de Lévy, que busca justificar tecnodemocracia, no ciberespaço, erigindo a sua utópica *ágora*, mantida pelo hipertexto.

.Breton assim se coloca:

“o projeto utópico que se desenvolve em redor da comunicação, é ambicioso e se desenvolve em três níveis: uma sociedade ideal, uma outra definição antropológica do homem e a promoção da comunicação como valor. Esses três níveis concentram-se em torno do tema de um homem novo a que se chamará aqui de homo communicans. Esse homem novo corresponde nada mais nada menos, na perspectiva de Wiener, à tentativa de recolar, recorrendo aos materiais disponíveis, os fragmentos que uma civilização derrotada tinha feito estalar num grande turbilhão entrópico. O homo communicans é um ser sem interioridade e sem corpo, que vive numa sociedade sem segredos, um ser por inteiro voltado para o social, que não existe se não através da informação e da permuta, numa sociedade tornada transparente graças às novas “máquinas de comunicar”. Essas qualidades do homem na comunicação, que contribui para alimentar o ideal do homem moderno, parecem como uma das alternativas á degradação do ser humano, resultante da tormenta do século XX”Breton:46:1992).

Breton chama-nos a atenção, no que compartilho, para os novos paradigmas desta nova comunicação que se instaura, no sentido de sua utopia, ou nas demasias forjadas pela comunicação que a tudo comunica e a nada comunica, como que numa perspectiva bem próxima a de Jean Baudrillard. O primeiro ainda coloca de modo contundente, em oposição a Lévy, que, na verdade, as articulações da sociedade de consumo e sociedade no seu pensamento liberal manipulam jogos de interesses econômicos e políticos mancomunados com os trunfos da informática, no ideal utópico de plena comunicação, sem antever as situações de exclusões sociais, e de bloqueios sociais. Isto, para o autor, pode na verdade afetar os patamares possíveis da democracia, pelo excesso de comunicação forjada nos domínios da banalização da retórica e de suas técnicas que a viabilizam.

PARA CONCLUIR

Inegável que a rede é um espaço da comunicação em que se alocam as perspectivas utópicas plurais como também se alojam fanatismos, é um espaço em que transita o saber, mas neste também se constitui o espaço dos excessos, das simulações, e sobretudo espaço do consumo. Não queremos aqui negar sua condição de ferramenta da educação, todavia ainda estamos distantes de uma pedagogia ágil para a rede, até mesmo face aos impasses econômicos, no que de econômico implica o uso da mesma.

A Rede Mundial de Computadores_ Internet- tem potência como ferramenta, dentro do que se entende por tecnologia educacional, em agilizar o espaço do saber, da educação, mas sem os exageros prescritos por Lévy quando trata a inteligência nos meandros da rede midiática de inteligência coletiva, justapondo-a num mesmo espaço de homens e máquinas, fazendo ,ainda assim, um recorte antropológico.

Caminha ainda ele para uma deturpação, com relação à inteligência, pois ela sempre foi exercida no domínio do coletivo, todavia ela é individuada, sendo co-partícipe do outro e no coletivo, aliás assunto já visto pelo construtivismo, nos focos piagetianos e vygotskianos. A rede é facilitadora, da informação, enquanto ferramenta e sistema. Mas. por outro lado, ela exige capacitação técnica de ferramentas –pc, softwares, browser, para só assim constituir o sujeito-potência do conhecimento. Há mediações técnicas e, portanto, de consumo, de dispêndio econômico, assim como se necessita de agilidade de comportamento técnico, para só assim estar constituído potencialmente o sujeito do saber.

Por outro lado os ambientes interativos são produção de contatos sociais, e de simulações do espaço social, em que o volume se descredibiliza, como nos aponta Virilio, e que tal variável definha a presença, por decorrência a percepção e o aquecimento do vínculo social .(Virilio:1993)

Chama-nos atenção Breton em sua última obra – *Lé culte de L'internet*(2000) - para a ameaça ao vínculo social que se depreende da forma política articulada pelos grupos hegemônicos da rede, determinando uma nova forma de vida que passaria por um verdadeiro fundamentalismo, pondo em jogo princípios da democracia até então vividos, e cultivados.

A ágora lewiana é utópica, fundada pois na ideologia do *approche* da tecnologia, da cibernética, da informação matemática, ou das tecnobiologias. Ela se inscreve no ideário utópico da perseguição à comunicação democrática. Ainda hoje as tecnologias aplicadas pela educação, e como tantas outras formas da tecnociência, que já tentaram a democratização do saber através da escrita, da imprensa, do rádio e da TV, mas que na verdade se mostraram utópicas, até porque as tecnologias são ideologias a serviço de um sistema econômico maior. Lévy é utópico pois ainda estamos a esperar a mais perfeita forma de *ágora*.

BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, Jean. **Estratégias Fatais**. Trad. M. Parreira. Lisboa : Estampa 1990.

BRETON, Philippe. **A Utopia da Comunicação**. Trad. S. Ferreira. Lisboa; Instituto Piaget 1999.

BRETON, Philippe e S. Proulx. **A Explosão da Comunicação**. Trad.M.Carvalho. Lisboa: Ed Bizâncio, 1997.

BRETON, Philippe. **Le Culte d L' Internet**. Paris: Decouvert ,2000

BRETON, Philippe. **História da Informática**. São Paulo: Ed Unesp 1991.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Trad.P. Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

LÉVY, Pierre **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço, São Paulo: Loyola, 1988.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**, São Paulo: Editora 34, 1995.

LÉVY, Pierre **O que é o virtual?**, São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A Máquina/universo**. Trad. B. C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SERRES, Michel. **A comunicação**. trad. F.Gomes, Porto, Portugal, ed Re,s/d

VIRILIO, Paul. **Estratégia da decepção**. Trad.L.V. Machado. São Paulo : Estação Liberdade, 2000.

VIRILIO, Paul.**O Espaço crítico**. Trad.P.R.Pires.Rio de Janeiro:Ed.34. 1993

VIRILIO, Paul . **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000

WIENER, Norbert. **Cibernética ou o controle e comunicação no animal e na máquina**. São Paulo; Polígono e Usp, 1970

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**. São Paulo; Cultrix, 1973